

UM INCENTIVO À PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL

ANA PAULA OGLIARI CASAGRANDE¹; JOSIAS PEREIRA²

¹UFPEL – anaogliaric@gmail.com

²UFPEL – josiasufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O seguinte resumo pretende refletir sobre a atual formatação do projeto de extensão Produção de Vídeo Estudantil em face de uma leitura comportamental de seu público alvo estimado.

Componente do curso de cinema e audiovisual, o projeto referido, almeja principalmente disseminar e estimular a produção de vídeos no ambiente escolar conferindo a essa ação o peso de uma ferramenta verdadeiramente pedagógica. Conforme Josias embasado em teorias de neurociência e educação:

“defendemos a tese de que a produção de vídeo contribui no processo educacional justamente por gerar no aluno o prazer e a emoção, a troca entre eles a relação entre os sujeitos é outra não é a do que sabe mais e a do que sabe menos decorar uma fórmula, mas a troca de experiências de vida, de emoções.” (PEREIRA; JANKHE, 2012).

Sua atuação transcorre presencialmente em algumas cidades do estado do Rio Grande do Sul, na rede pública de ensino, de forma a capacitar qualquer indivíduo disposto a ser um agente ativo (professores, alunos ou gestores) em todas as áreas referentes a realização de um vídeo, elas técnicas ou sensíveis. As oficinas, para tal intenção, foram a constituição do projeto, porém, pelo desejo e demanda de expansão e democratização, o vídeo, aliado a potencialidade da internet, passou a ser também ferramenta de ampliação desse.

O canal na plataforma do youtube e mais recentemente o aplicativo para celular, contendo diversos materiais de apoio e/ou produzidos para tal, apresentaram rápido engajamento e enorme eficácia em atender o público sem demandar as antigas e laboriosas empreitadas de locomoção e de pessoal por parte do projeto mas também por parte dos alunos e professores. Outrossim que uma plataforma online, mesmo que seu alcance não seja universal, propicia autonomia ao estudante em um processo educacional que já é por essência um local de catarse, expressão e emancipação do aluno.

É sobre tal mediação que aqui me detenho, com a intenção de elucidar a relevância de tal segmento do projeto e sua consonância com os tempos atuais no que se refere a consumo de informação, aprendizado e lazer.

“O espectador já mudou, já descobriu a chave das algemas, assim pode escolher o que deseja ver, o que deseja saber e sentir, contribuindo para aumentar o arcabouço cultural, modificando esquemas mentais e assim modificando conscientemente sua subjetividade, modificando assim o ser.” (PEREIRA; KATO, 2008).

2. METODOLOGIA

O contato com as escolas não foi interrompido e nem poderia. Ao longo do tempo de atuação do projeto, parcerias foram feitas e outras descontinuadas por motivos diversos e na maioria das vezes, outro que não a vontade dos alunos, os principais interessados. Mas o ponto relevante aqui é que o vínculo presencial é o ponto de partida para pensar a produção do conteúdo digital do projeto uma vez que é somente através dele que nos ocupamos de uma realidade que não é exatamente comum: o dia a dia da sala de aula.

Com isso em mente, a troca com professores e alunos é o que nos capacita a pensar em formas de dimensionar o cinema, nosso domínio, para o âmbito escolar, com todas as suas limitações e potências que o compreendem. Analisar o conteúdo produzido ao final do projeto, também é uma das formas de diagnosticar lacunas no processo, mesmo que o produto fílmico seja pouco relevante em qualquer avaliação qualitativa, dado a incorporeidade de seus efeitos; alguns quesitos são importantes para adequação na linguagem específica e minimamente uma compreensão facilitada.

O canal possui hoje uma pluralidade de formatos em webséries, os vídeos apresentam linguagem de vlog, aula, encenação e de vídeoaulas tradicionais, no caso de tutoriais dos softwares livres. Tudo isso executado pensadamente para diferentes maneiras de apreensão de conhecimento, diferentes níveis (iniciante até avançado) e diferentes públicos (gestores, professores e alunos).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Criado em 2011, o canal do youtube atualmente possui 23 mil inscritos e 202 publicados, e mais algumas dezenas na fase de captação e edição. O aplicativo livre (APP) de mesmo nome, criado e lançado em 2018, já conta com mais de 100 instalações e conteúdo similar ao canal. Tais demonstrativos, nos contentam do oferecido e estimulam sua manutenção.

Mais relevante que os números, mesmo eles sendo notáveis, é a presença por si só de tal conteúdo no meio online. É indiscutível a organicidade da relação do jovem com o meio digital, e mais ainda, desses com a plataforma do Youtube. É sua forma de lazer e comumente aspiração de profissão, mas também utilizada inclusive no momento de busca por sanar dúvidas e se instruir, o êxito de canais de páginas educacionais ilustra tal caminho, e o mais interessante, tudo isso feito de forma totalmente autônoma.

Não que os vídeos substituam a função pedagógica do educador, pelo contrário, devem ser por ele apropriados em favor de didática, devem ser um material de apoio, mas não ressados por desconfianças. Uma vez que tem a potencialidade de atender demandas individuais em tempos diferentes de aprendizados e ser um suporte extremamente ilustrativo.

4. CONCLUSÕES

A sociedade audiovisual que nos abriga é reverberador de discussões importantes socialmente e de transformação também de alguns paradigmas, positivos e também não como por exemplo, a banalização da produção de vídeos narrativos ou não por qualquer pessoa em qualquer condição, e essas condições

também são principalmente responsáveis pelo estímulo ao sujeito para transmissão e exposição de suas próprias histórias, criações e posicionamentos. “Que o anônimo seja não só capaz de tornar-se arte, mas também depositário de uma beleza específica, é algo que caracteriza propriamente o regime estético das artes”. (RANCIÈRE, 2014). Esse panorama define um campo propício para inúmeras inovações positivas nas estruturas hierárquicas e cartesianas da construção de conhecimento como conhecemos.

Pode ser aqui afirmado que o projeto, em sua esfera digital, reforça a potencialidade do aluno na construção de seu próprio aprendizado e ao ter a construção de vídeos como o objetivo maior, fecha-se um círculo de instrumentalização, que mesmo não tradicional é sim efetivo mas principalmente condizente com o atual contexto sociocultural da maioria dos alunos.

Logo, por mais que ainda não se tenha cartografado os caminhos seguros entre a educação e a internet, ou a escola e a tecnologia parece evidente que esse espaço precisa ser ocupado com informação proveitosa e livre. Sem demora não será um opção.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PEREIRA, Josias; JANKHE, Giovana. A Produção de Vídeo Nas Escolas; Educar com Prazer. Pelotas: Erdfilmes, 2012.

PEREIRA, Josias; KATO, Lis. A contribuição do site YOUTUBE no acervo geral do conhecimento e na criação do novo espectador. In: **ERIC (ENCONTRO REGIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA)**, 4., Maringá, 2008.

RANCIÈRE, J. A partilha do sensível: estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental org. Editora 34, 2005. pg 47.